

O desvio pelo contrabando muçulmano no Índico (que impede o fechamento total das rotas tradicionais) é estudado num capítulo. Outro analisa a função do ouro obtido no Monomotapa: financiamento da rota de Cambaia, ligação dos lados asiático e africano do Índico, e manutenção da administração portuguesa no Oriente, através da qual se exploravam os mercados das especiarias. Finalmente, na última parte, se estuda o ouro africano (do Sudão) em Portugal: a amoedação e os gastos da corôa.

Acreditamos que esta rápida síntese da obra, que elaboramos procurando ser absolutamente fiéis ao pensamento do autor, já é suficiente para situar o alcance de sua contribuição. Além disso, resta acrescentar que em numerosos passos o autor indica pistas para pesquisas, problemas a discutir: como diz o prof. Torquato de Sousa Soares, da Universidade de Coimbra, no prefácio, trata-se de uma obra “capaz de abrir caminhos, rasgar perspectivas, em suma, sugerir”.

FERNANDO A. NOVAIS.

*

* *

ADONAS (Isa). — **A cartografia da região amazônica**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963. 716 p. Mapas. 27 cm.

Pouquíssimos são os catálogos descritivos que possuímos de bibliotecas ou arquivos em língua portuguesa, mormente no Brasil. Daí a importância do trabalho de Isa Adonias, conservadora da Mapoteca do Itamarati, que em 1960 brindou o público estudioso com **Mapas e planos manuscritos relativos ao Brasil Colonial conservados no Ministério das Relações Exteriores**, onde analisou 824 mapas, cartas, etc.

Na presente obra, que teve a colaboração de Maria de Lourdes Jovita, estuda com minudências 1.278 trabalhos cartográficos. Assim, realizou pesquisas no Arquivo Histórico, Biblioteca, Arquivo e Mapoteca do Palácio do Itamarati.

Após a Introdução (pp. XVII-XX), onde dá as linhas gerais do seguimento do trabalho, temos o corpo principal do livro que está assim dividido: América do Sul e Brasil. Século XVI (pp. 1-152); América do Sul e Brasil. Século XVII (pp. 153-250); América do Sul e Brasil. Século XVIII (pp. 251-329); América do Sul e Brasil. Século XIX (pp. 331-365); América do Sul e Brasil. Século XX (pp. 367-449) e Região Norte (pp. 451-593) com dois sub-capítulos, Rondônia (pp. 595-631) e Acre (pp. 633-697). No que se refere ao século XVI a excelente apresentação de mapas-mundi faz com que o capítulo não tenha somente um interesse restrito para a área em foco.

Cada mapa é acompanhado de um estudo acurado onde são descritas suas principais características, bem como suas diferentes edições, os trabalhos de vários cartógrafos sobre as cartas, etc. Para sua realização utilizou-se de livros especializados, de cunho histórico ou cartográfico, relatórios, etc. Não poucos mapas são acompanhados de

permenorizada bibliografia. Cremos que a reprodução de pequenos trechos exemplificaria melhor o exposto. Para isso tomamos por base a análise feita à **Terra Brasilis** (Lopo Homem, c. 1519).

“O centro de construção da carta está colocado um pouco a leste da costa brasileira, marcado por simples rosa-dos-ventos, tendo dispostas em volta, em circunferência e eqüidistante, as habituais dezesseis rosa-dos-ventos do sistema”.

“Embora a nomenclatura da carta (146 nomes) principie nas alturas do Maranhão e termine no rio da Prata, a representação do litoral estende-se desde um pouco acima de um rio que corresponderá ao Amazonas, até as proximidades do cabo de Santa Maria, estando êsses pontos extremos assinalados com a bandeira das quinças”.

“Nos mapas anteriores a 1519, que se conhecem, — com exceção do de Hamy (1501 ou 1502) que traz do Brasil um contorno despedido de nomes — a nomenclatura brasileira, embora com diferenças, começa invariavelmente, ao norte, em São Roque e termina, ao sul, em Rio de Cananéia”.

São múltiplos os interesses do livro. Historiadores e geógrafos contarão com importante fonte de subsídios para os estudos da evolução do conhecimento do mundo amazônico, seja no tempo ou no espaço. Etnólogos encontrarão bases seguras para localização exata de tribos extintas, podendo ainda ter roteiro correto quando da mobilidade de grupos indígenas. Como exemplificação veja-se as inúmeras tribos localizadas no **Mapa geographica del Rio Marañon... hecha por el P. Samuel Fritz... de 1691**. Os lingüistas, principalmente os que tratam de toponímia, terão, através da evolução da grafia das denominações geográficas, bons elementos para estudos lexicográficos. Que utilidade não terão sete páginas repletas de topônimos como acontece com a apresentação da **Amérique Méridionale publié sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orleans...** Paris, 1748.

Uma restrição que se pode fazer à obra é o pequeníssimo número de ilustrações, quatro ao todo. Um maior número seria útil para um estudo da evolução de técnica cartográfica e completaria o texto, dando-lhe uma maior visão global.

ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES.

*

* *

CHAIÁ (Josefina). — **A Educação Brasileira. Índice sistemático da legislação (1808 a 1889)**. 3 volumes. Boletim n.º 1 da Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. 1963.

A pesquisa que se faz em nosso país nas chamadas ciências humanas, tem no elenco de limitações que lhe dificultam o progresso em desejável escala, dois impedimentos bastante sérios: — a ausência de bibliografias críticas e a de repertórios de leis comentadas.